



**Campos hegemônicos:
O que o agronegócio tem a ver com o campo da arte?**

***Hegemony fields:
What does agribusiness have to do with the art field?***

Bethânia Carolina Hardt¹
Mestrado em História da arte UFRGS
não
Associado/a/e ANPAP:

RESUMO

Observamos no Brasil a prevalência do pensamento conservador em todo território nacional, partindo desse contexto uso os dois campos (urbano e rural) para analisar a influência do agronegócio no campo da arte. Que discursos são esses criados pelo agronegócio? Como o agronegócio afeta o sistema da arte Brasileira?

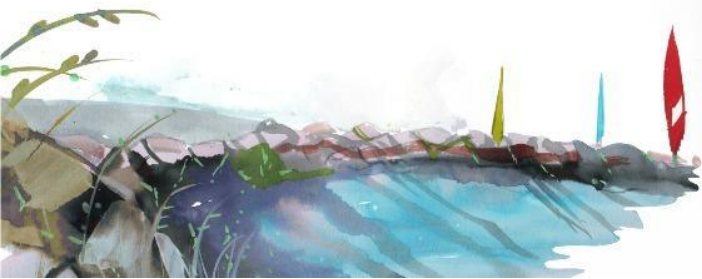
Pensar na monocultura significa falar dessa construção de estética, tanto no campo como na cidade. A estética utilizada pelo agronegócio é o meu ponto de análise deste artigo questionando: como através do sertanejo, propagandas que ligam o agro ao pop, acaba-se criando no imaginário cultural popular uma imagem do agro que se distancia de violências, mortes e impactos ambientais. Como grandes mineradoras que financiam editais e instituições culturais, acabam separando os campos rurais/artísticos.

Palavras-Chave: Arte. Agro. Campos. Hegemonia.

ABSTRACT

We observe the prevalence of conservative thought throughout Brazil. Based on this context, I use both fields (urban and rural) to analyze the influence of agribusiness on the art field. What discourses are these created by agribusiness? How does agribusiness affect the Brazilian art system?

¹ Mulher, pesquisadora, artista, filha de mãe solo, adotada, graduada artes visuais pela UDESC, Mestranda em História da arte pela UFRGS, militante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em SC e da Via Campesina, busca representar as dores coletivas e individuais causadas pelo capitalismo e patriarcado, partindo do universo transdisciplinar das Artes. Trabalha com diversos meios como fotografias, esculturas, colagem e com a escrita, sendo a linguagem o meio catalisador de qualquer trabalho.
Lattes URL: <http://lattes.cnpq.br/5711209335197049>



Considering monoculture means discussing this construction of aesthetics, both in the countryside and in the city. The aesthetics used by agribusiness are my point of analysis in this article, asking: how, through sertanejo music and advertisements that link agriculture to pop, an image of agriculture is created in the popular cultural imagination that distances itself from violence, death, and environmental impacts. How do large mining companies that fund grants and cultural institutions end up separating rural and artistic fields?

KEYWORDS: Art; agriculture; Fields; Hegemony

Ato I: a chegada hegemônica

Compreender a origem da terra como propriedade privada é entender como a burguesia financia simultaneamente movimentos de extrema direita e a arte. A construção de um imaginário que o campo é um atraso e o grande gerador de lucro e avanço no Brasil é o agronegócio, vem em forma de propaganda em novelas, comerciais, coberturas jornalísticas e incentivo do governo ao agro.

A distribuição de terra é a base do sistema colonial, notamos um marco na década de 1960 com a “modernização” do campo, “a política agrícola também foi usada para tentar resolver algumas contradições e tensões sociais herdadas do histórico colonial, tanto na América Latina quanto na Ásia e na África” (BERNSTEIN, 2011, p. 89). Esse processo foi instaurado no Brasil após o golpe militar de 1964, com o nome de Revolução Verde, que aconteceu em vários países do sul global.

No Brasil, o período foi marcado, pela abundância de crédito agrícola, absorção de insumos modernos e integração aos grandes circuitos de comercialização, promovidos pelo Estado (MENDONÇA, 2008). Isso significou a transformação do modelo da agricultura camponesa, que passou a ser fortemente dependente de insumos químicos (fertilizantes, herbicidas, sementes híbridas) e de assistência técnica. Os agricultores começaram a depender dos financiamentos bancários, que impunham a adoção desse pacote como condição para liberação de recurso financeiro. (Chã, 2016, p.20)

O investimento estratégico no asfaltamento de estradas que levam às capitais e aos grandes centros urbanos trouxe consequências: “A modernização trouxe várias consequências que em boa medida foram preconizadoras da realidade que vivemos hoje de hegemonia do agronegócio.” (CHÃ, 2016, p. 22).

O êxodo rural em larga escala resultou em um domínio maior do agronegócio no Brasil, “Entre 1960 e 1980, o êxodo rural toma proporções gigantescas – estima-se



que quase 31 milhões de pessoas tenham abandonado o campo em direção às cidades, levando com elas a miséria rural.” (CHÃ, 2016, p. 22). Quando analisamos o contexto, percebemos a tática de desmobilização do campo e assim a pauta sobre a reforma agrária proposta por João Goulart (ainda de maneira muito conservadora) antes de sofrer um golpe militar em 1964.

Os camponeses vítimas do êxodo rural que chegam às grandes cidades, acabam trabalhando na informalidade e morando em regiões periféricas. Essas pessoas que acreditavam em mais oportunidades e uma vida melhor nos centros urbanos, acabam sendo explorados pelo capital de outra maneira. Enquanto isso, o agronegócio foi investindo em marketing.

A implementação da “Revolução Verde” coincidiu, no Brasil, com o desenvolvimento de novos sistemas de comunicação, sobretudo a televisão, em especial a criação da Rede Globo, em 1965, em pleno regime ditatorial. Em um país onde a maioria da população ainda vivia no campo e era analfabeta, a televisão, através da publicidade e marketing, veio cumprir um papel fundamental de difusão de uma cultura urbana de consumo, supostamente superior, e de progresso tecnológico no campo, com uso intensivo de máquinas e agrotóxicos, em que o camponês não tinha mais lugar (PORTO-GONÇALVES, 2006). (Chã, 2016, p. 24)

A adesão a esse modelo trouxe grandes consequências, como êxodo rural massivo, assim intensificando a concentração de terra e a degradação do meio ambiente.

As principais consequências da adoção deste modelo agropecuário foram o êxodo rural, a ampliação da concentração fundiária e profundos impactos sobre o meio ambiente, apenas para citar três consequências desastrosas. Em relação ao êxodo, o campo brasileiro abrigava mais ou menos de 70% da população nas décadas de 1950 e 1960 chegando, na década de 1990, a ter menos de 30% do total da população. (VILLAMIL; SAUER, 2010, p.10)

Essa relação capitalista com o mundo precisa da separação entre questão ambiental do campo com a cidade, pois essa divisão é um plano de Estado, que coloca o campo como pertencente somente ao agronegócio, estipulando o imaginário que a produção de alimentos para a população brasileira vêm do agronegócio, esse que caracteriza o capitalismo no país.



A ligação estreita entre os pensamentos conservadores e o militarismo se alastra com as massivas propagandas de alistamento para jovens camponeses, como maneira de sobrevivência na gestão do general Costa Silva. Maria Yedda Leite, historiadora brasileira, constrói em seu livro *Terra Prometida* as táticas de monopólio da terra ao longo da história brasileira.

Da mesma forma, imaginava um Nordeste pronto, pela ação subversiva (a então versão dos quinta-coluna), para qualquer aventura de conquista externa vinda do Atlântico (numa clara referência a uma ação cubana). Assim, o general do futuro AI-5 pretendia esvaziar a questão agrária através do alistamento em massa de jovens camponeses, que deveriam ser englobados em batalhões de engenharia. Sob o pretexto de que no exército ao menos teriam o que comer (reconhecendo implicitamente a fome como causa do clima de revolta na região), tais jovens deveriam ser utilizados em trabalhos públicos como rodovias e açudes. Assim, jovens camponeses expropriados, alistados e envolvidos pelo poder público, deveriam prestar trabalho semi-escravo para melhorar as condições de produção e circulação dos produtos da grande propriedade. (Linhares, Maria Yedda Leite, 1999, p.175)

As falsas promessas da ditadura militar ainda geram resquícios tanto na cidade como no campo, a redemocratização trouxe a continuidade da concentração de terras e um novo tipo de propagação de desigualdade, os trabalhadores viram reféns do agronegócio.

desde o início da década de 1980, uma série de empreiteiros, os gatos, se responsabilizava por fornecer trabalhadores a uma determinada propriedade, desobrigando, dessa forma, o proprietário dos custos e obrigações trabalhistas. Alistados nas estradas e entroncamentos, eram postos em caminhões (que muitas vezes causavam acidentes com dezenas de vítimas) e levados para dezenas de milhares de quilômetros de distância. Freqüentemente, pessoas saídas da Paraíba ou da Bahia iam parar em cafezais de Minas Gerais ou laranjais de São Paulo. Muitos, abandonados pelos empreiteiros, ou conscientemente entregues aos capatazes, eram impedidos de retornar e viam-se, assim, obrigados ao trabalho permanente, por casa e comida, nas fazendas. Esses empreiteiros, em verdade firmas fantasmas, jamais são encontrados. (Linhares, Maria Yedda Leite, 1999, p. 204-205)

A construção do campo não foi estabelecida recentemente, é consequência de um modo de produção capitalista. Estudar isso é analisar o contexto histórico e a sociedade que é atravessada por esse conservadorismo, “Mas, como não faço distinção entre indivíduo e sociedade e não os vejo como opostos – vejo-os, pelo



contrário, como totalmente interligados” (NOCHLIN, 1974, p.72). No caso do Brasil: um país no sul global, colonizado, que teve uma ditadura militar, conservador, patriarcal, religioso, racista e com uma economia capitalista voltada para o agronegócio.

Ato II: A bandeira vai ser vermelha

No ano de 2022 o Museu de Arte de São Paulo (MASP) abre a exposição intitulada *Histórias Brasileiras*, contudo o núcleo *Retomada* organizado pelas curadoras Sandra Benites² e Clarissa Diniz teve diversos trabalhos com fotos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra) vetadas, ambas curadoras deixaram a exposição. Em um trabalho conjunto com o MST, é lançado o livro *Retomada* de 2025, nele Sandra e Clarissa trazem um artigo sobre essa retomada, que intitulou o núcleo vetado pelo conselho do MASP.

Trata-se de tomar de volta o que foi roubado pela colonização: o pleno direito a habitar e a pertencer aos seus territórios e às relações que conformam o tekoha. Retomar as terras é uma prática de justiça histórica, social, étnico-racial e cosmológica, tal como enunciado em *Restituição* (2020), de Ventura Profana e Podeserdesligado: “Eu quero de volta / Tudo que o devorador roubou”.

São também retomadas as lutas pela reforma agrária que ganharam amplitude com a fundação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra em 1984. Em reação aos saques coloniais que expropriaram os territórios e à desigual distribuição fundiária dela consequente, povos e organizações indígenas, negras, quilombolas, camponesas lutam para reconquistar o direito à dignidade, à moradia, ao plantio e à terra que é corpo vivo e mãe. (Diniz; Benites, 2025, p.25)

O MASP que se descreve em seu site como um museu diverso, inclusivo e plural³, cria uma fachada de uma instituição aliada de minorias e suas causas, mas tem essa imagem confrontada com episódios assim. Dora Longo Bahia, artista, curadora, pesquisadora e professora, apresenta a realidade das caras por trás do museu.

As decisões são tomadas no MASP por um conselho composto por 80 pessoas, presidido atualmente por Alfredo Egydio Setúbal, um dos bilionários descendentes dos fundadores do Itaú. A contribuição anual mínima obrigatória para cada conselheiro ou diretor do museu, exceto os “conselheiros natos”, era, segundo seu estatuto vigente até 2014, de R\$ 25 mil. (BAHIA, 2022,n.p)

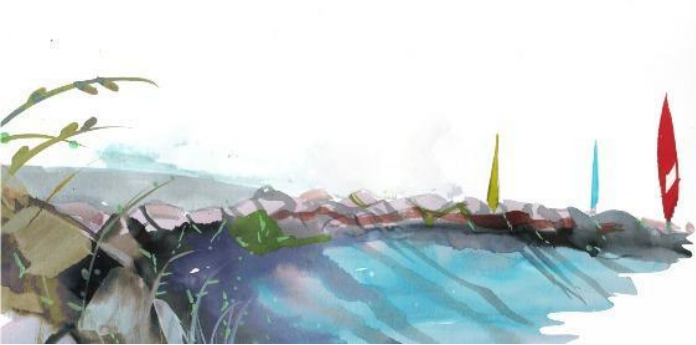


O campo da arte e o rural funcionam no capitalismo, e com isso se tornaram aliados para sua manutenção. Espaços culturais se veem refém desse sistema neoliberal, que cooptou pautas de minorias, incluindo essas discussões a um meio de consumo, sem um pensamento questionador dessa estrutura ou revolucionário. Um movimento como o MST que luta por uma reforma agrária popular, contra a concentração de terra e dos meios de produção mexe com esse sistema, trazendo em perspectiva esse conservadorismo, com o monopólio de todos os meios de produção e a financeirização da arte.

A figura do colecionador que “contribui” com o mercado da arte, que acaba especulando com obras e temáticas, vendo o momento certo de venda e compra, ao lidar com idéias realmente revolucionárias que questionam o status quo gera a censura ou apagamento desses trabalhos. Fabricia Jordão (pesquisadora, curadora e professora) questiona essa proliferação do sistema neoliberal no campo da arte.

O crescimento vertiginoso de museus e espaços de arte que têm sua fundação e/ou gestão a cargo de investidores-patronos-colecionadores — muitos dos quais são grandes executivos do mercado financeiro, da indústria armamentista ou mesmo vinculados ao mercado de extração de minérios e combustíveis fósseis — não é novidade alguma. Diversos estudos e pesquisas artísticas têm demonstrado o papel dos patronos-colecionadores na transformação dos perfis e acervos institucionais e na reformulação dos cânones históricos da arte. Conseqüentemente, na constituição e manutenção do sistema contemporâneo de circulação, produção e conhecimento da arte. Por esta razão, devemos estar atentos para o fato de que quase tudo que vemos (e o que não vemos) no museu de arte, sua política de circulação e de visibilidade, é fortemente regulado, se não determinado, por um projeto político-ideológico: o neoliberalismo. (Jordão, 2025, p. 15)

O instituto Inhotim é um grande exemplo da ligação entre o agronegócio e o sistema da arte, Bernardo Paz idealizador do projeto é acusado de lavagem de dinheiro, uso de trabalho infantil, desmatamento ilegal e grilagem da terra⁴. O magnata reconstrói sua imagem de um homem explorador da terra e pessoas, ao colocar seu nome como a grande figura por trás de um dos maiores museus a céu aberto do mundo⁴. A relevância de Inhotim para a arte no Brasil acaba ganhando mais protagonismo que a origem do dinheiro e o próprio Bernardo. A ironia do instituto se localizar em Brumadinho em Minas Gerais (que possui um número elevado de barragens com perigo de rompimento⁵), que também aconteceu o crime ambiental em 2019,



escancara a falta de olhar e discussão política ao entorno do museu, as consequências para a comunidade e o meio ambiente a construção de um instituto tão grande que atrai um grande público. O artista Tiago Gualberto de Igarapé, em Minas Gerais, explora com sua vivência e de sua comunidade a complexidade desse contato direto com o agro, e a possibilidade de criação artística questionando essa instituição.

Em meu processo de aprendizado como artista, lá em 2015, a Lembrança de Nhô Tim nascia como um objeto feito de lama de minério de ferro e cimento, elaborado no formato de um popular doce caseiro gelado. Essa peça, produzida aos milhares e vendida por 4,99 reais como parte de uma ação de intervenção artística no entorno do Inhotim, local onde cresci, serviria como um detonador, uma armadilha para a articulação crítica de temas intimamente conectados: o racismo estrutural, a poluição ambiental, o passado colonial, a exploração da terra pela mineração, a produção de memórias, a corrupção e a arte contemporânea. Neste momento, diante desta breve seleção de eventos, observo com motivação o quanto essa ação também me permite falar do presente. E não me refiro apenas à urgência de ações diante dos crimes ambientais de escala global, ou dos usos poéticos e políticos da cor laranja associados ao aumento das temperaturas, por exemplo. Penso alegremente em como a arte persiste, ainda que pelas menores brechas. (Gualberto, 2024, n.p)

Pensar a partir da terra o projeto hegemônico capitalista não é algo muito comum na academia, geralmente se separa a discussão de colonialismo, racismo com o debate agrário, essa separação como mostrei mais acima é um projeto de exclusão do campo rural com o resto da sociedade, separando a militância do campo rural com a do campo artístico. Só teremos sucesso nessa batalha com a união dos campos, pois ambos são explorados pelo agronegócio e o capitalismo, como fala o famoso grito “se o campo não roça, a cidade não almoça”. Construir trabalhos artísticos junto com essas experiências dos campos, que são constantemente separados pelo pensamento hegemônico, cria uma disrupção. Douglas Estevam, coordenador nacional da Brigada de Teatro do MST e filósofo, aproxima o cultivo da terra com o cultivar cultura desses campos construídos.

Uma mesma luta nos une: a luta pela terra. Nós não iremos embora, ecoavam nossas vozes pelas galerias do Masp, assim como ecoam hoje a voz de milhões de palestinos que dizem, frente à violência do império, nós não iremos embora. Uma das origens da palavra cultura está ligada à terra, à agricultura, ao cuidado com a terra, ao culto da



terra. Também está ligada à colonização, esse processo brutal de violência física, econômica, simbólica e imaginária que marca nossa história de povos colonizados, assim como a do povo palestino. A mística das RETOMADAS seguirá viva enquanto houver uma pessoa oprimida neste planeta, enquanto houver um ou uma sem-terra no mundo. Nós não iremos embora. Comeremos a terra, mas não iremos embora. Porque aqui temos um passado e um presente, aqui está nosso futuro. (Estevam, 2025, p.107)

A ideia de conexão entre o conservadorismo, agronegócio, gênero e mudanças climáticas perpassa a ideia de Donna Haraway, filósofa, de entrelaçamento entre as existências e consequências no Capitaloceno, a possibilidade de criar em conjunto no meio do problema, com o intuito de preservar as vidas.

Todos estão conectados em uma cadeia global de contínua devastação antrópica e colonial. É hora de voltar nossa atenção para as mundificações simpoiéticas, para os modelos vitais tecidos em padrões SF em cada zona. As histórias cotidianas e os devires que emergem dessas formas de “envolver-se nas vidas uns dos outros” propõem maneiras de ficar com o problema que cultivam o bem-estar em um planeta degradado. As histórias sincrônicas não são as fábulas dos heróis, são os contos de quem continua. (HARAWAY, 2016, p.150)

Referências

CHÃ, Ana Manuela. **Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia**. São Paulo, 2016. 161 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

BERNSTEIN, Henry. **Dinâmicas de classe na mudança agrária**. São Paulo: UNESP, 2011.

NOCHLIN, Linda. **Como o feminismo na arte pode implementar a mudança cultural**. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias das Mulheres, Histórias Feministas: vol. 2 antologia*. São Paulo: MASP, 2019. p. 72-82.

GUALBERTO, Tiago. A Lembrança de Nhô Tim e as brechas infraestruturais. *Select*, 16 de setembro 2024.

Disponível em: <https://select.art.br/a-lembranca-de-nho-tim-e-as-brechas-infraestruturais/>

BAHIA, Dora Longo. Quem tem medo do MST. *Select*, 21 maio 2022. Disponível em: <https://select.art.br/quem-tem-medo-do-mst/>

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes do Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **A terra prometida**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1999.

SAUER, Sérgio; VILLAMIL BALESTRO, Moises (org). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.



DINIZ, Clarissa; BENITES, Sandra. **Retomadas**: O processo de ocupação dos territórios ancestrais indígena é dominado de retomadas. In: VILARON, André. (org.) et al. Retomadas: memória debate atravessamentos. São Paulo : Expressão Popular, 2025. p. 25-30.

ESTEVAM, Douglas. **A mística retomada**. In: Retomadas VILARON, André. (org.) et al. Retomadas: memória debate atravessamentos. São Paulo : Expressão Popular, 2025. p. 105-107.

JORDÃO, Fabrícia. Arte contemporânea, virada decolonial e neoliberalismo progressista. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 23, p. e-233378, 2025. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2025.233378. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/233378>.. Acesso em: 16 jun. 2025.

Notas

² Primeira curadora indígena do MASP <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/primeira-curadora-indigena-do-masp-se-demite-apos-direcao-recusar-fotos-do-mst-museu-alega-descumprimento-do-prazo.ghtml>

³ <https://www.masp.org.br/sobre>

⁴ <https://www.intercept.com.br/2018/06/08/crimes-bernardo-paz-do-inhotim/>

⁵ <https://www.brasildefato.com.br/2025/02/19/42-das-barragens-em-situacao-de-emergencia-ou-alerta-no-pais-estao-em-minas-gerais/>